



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

REGINA BRANCO

(depoimento)

2003

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-58

Entrevistado: Regina Branco

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Residência da entrevistada – Caxambu/MG

Entrevistadores: Juliana Santos Costa

Data da entrevista: 17/09/2003

Transcrição: Juliana Santos Costa

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Não há

Total de gravação: 120 minutos

Páginas Digitadas: 16

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0970/2004/01

Nº da fita: Não há

Observações: Entrevista realizada por Juliana Santos Costa durante a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Vozes de mulheres na Escola Nacional de Educação Física e Desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado”, defendida em 2004 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho-RJ. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2004.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BRANCO, Regina. *Regina Branco (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

Sumário

Breve referência do seu ingresso na Universidade; relato dos seus anos de estudante de Educação Física as dificuldades encontradas e superadas; comentário de sua participação como bailarina no Teatro Municipal; os clubes em que trabalhou entre eles o Fluminense; menção aos anos de 1945 e 1979 em que havia leis que proibiam mulheres de praticarem atividades físicas como futebol, artes marciais, halterofilismo.

R.B. - Eu terminei em 1945. Nós tínhamos dezoito matérias, tínhamos semana par e semana ímpar, era coisa demais. Estou te dizendo que minha mãe queria que eu entrasse lá para engordar, eu era fraquinha, eu perdi dez quilos na Escola. Eu vou te dizer uma coisa de trezentos alunos que passamos no vestibular, formaram sabe quantos? Trinta e oito.

J.C. - Eram trezentas vagas que havia nessa época?

R.B. - Eram trezentas vagas. Formaram-se trinta e oito o resto foi cortado, porque não conseguiram acompanhar. Era muita atividade física. Nós saíamos fisioterapeutas.

J.C. - E professor também de Educação Física?

R.B. - De Educação Física, porque na época a Escola de Educação Física tinha três cursos: o Normal, que era para professores do ensino primário; o Técnico Desportivo. Aliás, tinha quatro, o de Medicina Desportiva e o Superior. Fiz o Superior. E esse Superior englobava muitas matérias, está entendendo? Inclusive, sou fisioterapeuta, sou salva-vidas. A gente teve o curso completo de salva-vidas de fisioterapia

J.C. - E tinha muitas mulheres freqüentando esse curso?

R.B. - Tinha bastante, era pau-a-pau, meio a meio, no meu curso que era o Superior.

J.C. - O Normal devia ser só de mulher.

R.B. - Noventa por cento era só mulher.

J.C. - O de Medicina devia ter muito mais homens.

R.B. - Mais homens, exatamente. E o Técnico Desportivo mais homens. Acho que não tinha nenhuma mulher no Técnico Desportivo.

J.C. - E qual era o pré-requisito para você entrar no curso? Era preciso o Secundário fundamental?

R.B. - Não. Era preciso o Científico ou os sete anos de ginásio que era naquela época, cinco anos de ginásio com mais dois de preparatório. Depois desses dois de preparatório você entrava para qualquer Universidade, qualquer uma.

J.C. - Com esses sete anos?

R.B. - Exatamente. Ocorre que no ano em que eu estava fazendo o ginásio, estava no terceiro ginásio, então ainda teria mais dois anos de ginásio, houve a Reforma Capanema, que dividiu o ginásio para quatro anos. Fui agraciada por um ano e depois eles criaram o Clássico e o Científico. Mas que não pediram naquele ano. Não pediram nem o Clássico nem o Científico para fazer vestibular. Então saí do quarto ano ginásio para a Escola de Educação Física, Só naquele ano houve isso.

J.C. - No próximo ano eles devem ter começado a cobrar.

R.B. - Exatamente, no ano seguinte eles começaram a cobrar. Então o que aconteceu? Entrei pra Escola de Educação Física. Terminei a Escola de Educação Física com menos idade da que era permitida para entrar. Terminei com dezessete anos, porque fui meio precoce.

J.C. - Entendi.

R.B. - Terminei o ginásio com quinze anos, e com quinze anos entrei para a Escola de Educação Física.

J.C. - Cursou os dois anos e já saiu formada.

R.B. - Mas à custa de... Perdi quase dez quilos na escola. Saí de lá com trinta e oito quilos. Eu cheguei com quarenta e oito quilos e saí com trinta e oito. Perdi dezenove quilos de tanto que estudei. A parte física não era problema para mim porque já fazia “ballet” e a parte teórica, cinesiologia era uma loucura, anatomia igual à dos médicos, mesmo programa de anatomia, e como se chama - socorros de urgência. O que mais?

J.C. - Eu tenho anotado algumas delas

R.B. - Nossa mãe, a parte de, como se chama? Biometria, tipologia, biometria. Era uma loucura total.

J.C. - Fisioterapia, metabologia, biometria.

R.B. - Tudo isso, minha filha. Meu pai dizia: “Se você perder o ano, você vem para a cozinha”. Sempre tive horror à cozinha, então estudava de dia e a noite inteira, para poder dar conta.

J.C. - Mas como assim, ir para a cozinha?

R.B. - Ele achava que eu tinha que passar de qualquer maneira, não podia ficar dependente.

J.C. - Seu pai pensava isso?

R.B. - Pensava.

J.C. - E sua mãe?

R.B. - Idem.

J.C. - E era um pensamento comum na época?

R.B. - Da época. Você vai estudar porque não faz mais nada na vida, entende? “Não quero repetições nem segunda época, nada”.

J.C. - Não tinha aquela visão nessa época de que a mulher deveria se formar, mas para ter um marido se casar, ter filhos? A gente encontra isso nos livros, e para jamais queria que sua filha pisasse num palco e o dia em que me viu no palco, ele me expulsou de casa.

J.C. - Tinha preconceito?

R.B. - Mais com a dança.

J.C. - Na Educação Física não?

R.B. - Não.

J.C. - Por que o curso estava mais voltado mesmo para as matérias teóricas do que práticas?

R.B. - Não. Porque minha mãe achava que eu tinha que fazer Educação Física, porque eu era muito fraca e muito magra, entende? Então emagreci ainda mais. Mas meu pai ia me levar na faculdade todos os dias e ia me buscar.

J.C. - Tinha o apoio deles?

R.B. - Sim, e aí o pessoal dizia assim: “Patinha, papai vem aí”. Eu ficava subindo pelas paredes.

J.C. - Ainda mais porque você devia ser a mais nova.

R.B. - Eu era a mais jovem de todos os colegas.

J.C. - Ainda tinha esse cuidado do pai.

R.B. - É. Ele ia me levar e me buscar, e o pessoal caía na minha pele: “Patinha, papai vem aí”, ficava subindo pelas paredes, mas papai chegava, na hora que terminava a aula, lá estava ele parando me buscar.

J.C. - E você morava onde?

R.B. - Na Tijuca, na rua dos Araújo. Meu pai me levava na rua das Laranjeiras ou no Surdos e Mudos. Tinha o ginásio tudo direitinho.

J.C. - No Clube Fluminense?

R.B. - Não. Tínhamos um ginásio lá, no próprio Surdos e Mudos e usávamos a sala do Instituto também para as partes teóricas, e, na parte prática, o Fluminense. Ia todo mundo para o Fluminense para fazer aula de natação, como se chama? Atletismo.

J.C. - E tinha uniforme nessa época?

R.B. - Tinha! Era obrigatório.

J.C. - E você lembra como era, se era “short” ou saia?

R.B. - Nós tínhamos uma saia com um “short” por baixo, blusa branca e uma jaqueta azulzinha abotoada, muito bonitinho o uniforme. E o capitão Lira, que foi o homem que pegou a nossa Escola naquele ano, foi a minha sorte porque ele revolucionou a Escola. Quando eu entrei era o Método Francês de Educação Física, que era 1, 2, 4 era braço, perna tronco, coordenado e assimétrico. Primeira parte da aula, está entendendo? Depois correr, lançar, atacar e defender, transportar. Uma aula de Educação Física tinha que ter tudo isso, entende?

J.C. - Entendo, o Método Francês.

R.B. - O Método Francês de Educação Física foi o método com que começamos. Aí saiu o Major Rolim, que era o diretor, e entrou o Antônio Pereira Lira, que andava só de “short”, era um fortão e era do Exército, andava com um 38 na Escola. De “short” com um 38 do lado. Quando ele chegava na Escola todo mundo tinha que estar em pose fundamental, não podia estar faltando um botão, nada. Feito no Exército. Ótimo, o que deu uma disciplina na Escola. Aí ele mandou vir a Chrisca Jane, que nos trouxe as primeiras aulas de nado sincronizado. Foi aquela época da Esther Williams. Fizemos “ballet” aquático lindíssimo, horrível esse “ballet” aquático que se apresenta agora, é tudo muito rígido, muito duro. O que nós fazíamos com a Chrisca Jane era tudo suave, era realmente uma dança na água.

J.C. - E os homens faziam essa aula?

R.B. - Só as meninas. E que mais? Por exemplo a aula da Helenita.

J.C. - Era de dança?

R.B. - De dança, pois como eu já era bailarina, fazia “ballet”, fui logo aproveitada para fazer.

J.C. - Você devia ser o xodozinho.

R.B. - Era, porque era boa bailarina. Sempre fui boa bailarina, meu corpo sempre foi muito elástico e muito bem trabalhado, então a aula dela para mim era a melhor de todas.

J.C. - Você lembra se os homens participavam dessa aula também?

R.B. - Nada, nada, nada, nem do “ballet” aquático, nem do da Helenita. Eu era do “ballet” oficial da Escola, tudo quanto era apresentação lá estava eu com a Helenita. Aí ele mandou vir um americano, não sei se o nome dele era Bob, que trouxe as primeiras ginásticas olímpicas para cá, e eu participei delas, está entendendo? Tinha umas bolas grandes que a gente segurava lá no campo do Fluminense. A gente enfiava os pés, segurava as mãos e ia rodando.

J.C. - Rodando?

R.B. - Era lindo, um barato! Cavalo, plinto, salto mortal, argola, paralela, tudo isso.

J.C. - E foi esse americano que trouxe?

R.B. - Então o Lira tem assim um... E fazia muitas apresentações e eu estava em todas; estava na ginástica olímpica, estava no “ballet” aquático e estava com a Helenita. Participei intensamente da escola, mas fora disso tinha cinesiologia que era um horror, porque o Dr. Cide era durão.

J.C. - Eram os médicos que davam essas aulas teóricas?

R.B. - Médicos. Dr. Camilo Abut, que dava, como se chama? Fisioterapia e todos os outros médicos. Tinha socorros de urgência, eram médicos também, médicos espetaculares.

J.C. - Vocês chegaram a ter alguma aula junto com aquela outra formação da medicina?

R.B. - Não.

J.C. - Era a mesma matéria, os mesmos professores, mas as aulas eram separadas. E essas teóricas eram homens e mulheres juntos?

R.B. - Homens e mulheres juntos, exatamente. Só nas aulas teóricas juntos. Eu nunca me esqueci que uma vez, uma prova de anatomia tinha uma pergunta: o que é insulina? O hormônio do pâncreas, mas ninguém tava sabendo. Tinha um cara muito bom que disse assim: é uma injeção de açúcar, todo mundo... [risos] 80% da turma.

J.C. - Mas ele deve ter brigado com a turma.

R.B. - Dr. Areno. Essas são as coisas que a gente se lembra, está entendendo? E o que me salvou na Escola de Educação Física, nas matérias teóricas, foi que papai do céu me ajudou e via meu esforço. Então o que aconteceu? Quando chegava dia de prova, principalmente anatomia, cada osso tem um buraco de não sei de que, passa um nervo, tinha que decorar tudo, *tudo* isso. Como é que eu vou saber, os músculos, ele se insere aonde? E eu estava louca para decorar aquilo tudo. Gente, eu tinha dezesseis anos, era uma garota. Aí, o que acontecia? Na véspera eu sonhava com a prova e acontecia que eu estudava, estudava, estudava e caía aquele ponto e eu passava. Porque eu sonhava, juro pra você.

J.C. - Sonhava com a matéria que tinha que estudar?

R.B. - Com a matéria que ia cair mesmo. Estudava e passava. Acho que foi uma ajuda que o céu me deu. Por exemplo, cinesiologia. Tinha horror, porque era a física misturada com a anatomia.

J.C. - Era o movimento, os ossinhos em movimento.

R.B. - E os músculos. Me lembro que tinha um problema assim: o bíceps faz flexão, o deltóide faz outra, o tríceps faz, outra faz tanto de movimento, a que distância vai ser lançado o disco? Era coisa assim está entendendo? Era de arrepiar os cabelos. Aquilo para mim era grego, romano. Sonhei que ia cair músculos dos braços em cinesiologia, toda a parte de alavancas do braço. Estudei, estudei e consegui média para passar. Mas foi assim, menina, fui ajudada sonhando, acredite. Senão, não poderia passar. Gente muito mais capaz do que eu virou pó. De trezentos formou-se trinta e oito, o resto foi todo mundo a pó. O primeiro ano foi uma lavagem geral; no segundo ano formaram-se trinta e oito. Quero dizer a você que eu fui a gloriosa trigésima oitava. Fiquei em último lugar da turma, mas passei. Dou graças a Deus que consegui passar.

J.C. - Nossa! Era bem puxado mesmo.

R.B. - Não, era muito puxado. A parte prática tirava de letra.

J.C. - Mesmo os outros esportes, você também gostava, quando era basquete, vôlei?

R.B. - No basquete fui ótima aluna, encestava de longe. Fui excelente aluna de vôlei. Fui ótima esgrimista, até hoje sei esgrima, graças à Iná, que era professora de esgrima. Vôlei era Ivete Mariz. Sempre tive muito boa coordenação.

J.C. - Para qualquer atividade física?

R.B. - A única coisa que eu não suportava era lançamento de peso dardo e disco, porque não tenho força [faz a demonstração da técnica dos lançamentos]. Fazia todos os movimentos certos e o disco caía perto.

J.C. - Existia uma cobrança mais rígida dos professores, se não jogasse muito longe? Tirava nota baixa?

R.B. - Existia, tinha o mínimo. Nessa parte de atletismo sempre passava raspando. Salto com barreira também era ruim para mim. Já em salto em altura eu saltava muito. Engraçado, saltava bem por causa da dança, muito alto. Não tínhamos salto de vara, eram

só as barreiras. Agora, corrida com barreira, Nossa Senhora! Mas consegui vencer. À custa de muito esforço, passei raspando, raspando nessas matérias de atletismo, entende?

J.C. - Entendi.

R.B. - Agora vôlei, basquete, tênis.

J.C. - Se identificava?

R.B. - Muito, muito bem. Era reserva da Escola de Educação Física em vôlei. Em basquete eu era muito boa.

J.C. - Existiam competições naquela época?

R.B. - Claro, existiam competições entre as escolas.

J.C. - Entre quais escolas? Para formar professor?

R.B. - Não, as escolas... Uma vez fomos fazer competição, que me lembre aqui em Rezende com os cadetes, competição com outras universidades. As escolas tinham times que faziam competição. Fui reserva de vôlei. Era baixinha, pequenininha, mas jogava muito bem, saltava bem, levantava bem.

J.C. - Tinha o seu espaço ali.

R.B. - Eu não tinha problema nenhum com isso. Meus grandes problemas foram corrida com barreira, lançamento de peso, dardo e disco.

J.C. - Tinha alguma disciplina de lutas?

R.B. - Tinha, claro. Tínhamos boxe, era só teórica, toda parte teórica e histórica do boxe. Mas de jiu-jitsu tínhamos aulas práticas.

J.C. - Era jiu-jitsu mesmo?

R.B. - Mesmo. É a arte de ceder suavemente, para depois vencer. Jiu-jitsu quer dizer suave arte. Sabia toda parte teórica, sabia os golpes.

J.C. - E não era estranho as mulheres estarem fazendo jiu-jitsu?

R.B. - Não. Tínhamos o nosso uniforme...

J.C. - O quimono.

R.B. - E fazíamos a aula prática

J.C. - Separada dos homens?

R.B. - Separadas.

J.C. - E eles também tinham essa aula?

R.B. - Também tinham. Agora a parte de boxe eu só tinha a parte teórica.

J.C. - E os homens tinham a parte prática?

R.B. - Tinham.

J.C. - As mulheres que não tinham.

R.B. - Mas tínhamos toda a parte do histórico do boxe e todos os golpes. Tínhamos que decorar como eram os golpes de baixo para cima, o que era proibido, o que não era, toda a técnica. Acho interessante, o professor ter que saber essas coisas

J.C. - Para passar para os alunos, mesmo que ele não vá fazer, tem que saber a parte teórica.

R.B. - Exatamente. E treinávamos, dávamos uns soquinhos.

J.C. - Mas qual era o objetivo dessas aulas? Era ataque e defesa?

R.B. - Ataque e defesa.

J.C. - Mas se defender de quê, da rua, por exemplo? Hoje em dia, a gente sabe que tem assalto, então as mulheres procuram aprender a se defender.

R.B. - Não, naquela época não existia isso, era apenas matéria de aula.

J.C. - Eu não entendo muito bem o por que das mulheres estarem lutando. Em 1945, até 79, saiu uma lei que proibia as mulheres praticarem atividades como o futebol, artes marciais, halterofilismo. E como na escola as mulheres faziam?

R.B. - Deve ter sido depois de 45, porque fazíamos jiu-jitsu e esgrima. Ataque e defesa também.

J.C. - É, porque essa parte de luta está mais associada ao universo masculino, que vai dar músculos, virilidade e as mulheres deveriam praticar somente a natação, a dança.

R.B. - Mas esgrima é lindo, fazíamos um “ballet” com a esgrima. A Helenita marcou um “ballet” todo com esgrima, o cumprimento [faz uma demonstração prática].

J.C. - É uma postura linda!

R.B. - Esgrima é lindo, é o maior barato, não entendo porque tiraram essas coisas da Escola de Educação Física. Outra coisa que não entendo é como numa Escola de Educação Física vocês não saem fisioterapeutas. Acho que o professor de Educação Física tem que saber fisioterapia. O aluno tem um genovalgo, genovaro, pé chato, tem uma escoliose, um lordose, e o professor não sabe o que vai fazer com aquilo.

J.C. - - Não adianta só saber que tem, tem que saber. Como vai atuar ali para melhorar, para ajudar esse aluno.

R.B. - Lógico, e graças à Deus isso eu tive, inclusive posso atuar como fisioterapeuta e atuei por muitos anos. Trabalhava a semana inteira e chegava sábado e domingo, minha vida foi muito dura financeiramente, meu pai me botou na rua, depois casei, tive filhos e meu marido nunca foi uma pessoa que se empenhou muito em ajudar dentro de casa, trabalhava, ganhava um pouquinho eu é que ia à luta, sabe? Chegava sábado e domingo, dava fisioterapia, massagem corretiva, exercícios corretivos para as pessoas. Foi muito legal, foi bom para mim porque pus em prática aquilo que aprendi.

J.C. - E gostava?

R.B. - Sempre gostei de tudo que fiz. Dava aula de “ballet” de março a dezembro. Em janeiro e fevereiro dava aula de nataçãõ, porque Maria Lenk foi um capítulo à parte, excelente professora, ela dava uma aula filosófica. “Nunca nadem contra a correnteza, vocês perdem força e não vão sair do lugar, assim é na vida também”. “Não nadem contra a correnteza da vida”, ela fazia sempre uma comparação assim. Ela foi uma excelente professora. Aliás, tive excelentes professores, não posso me queixar de um.

J.C. - Ah! Que bom.

R.B. - Organização também, organização dos esportes, como se chama? Quando um time vai jogar com o outro, vence o outro...

J.C. - Tabela dos jogos.

R.B. - Isso. Estou te dizendo. Era muito completo o curso. Se você não estudasse vinte e quatro horas por dia, você não passava. Tinha que estudar de dia e depois chegar à noite. Enfiava a noite adentro até doze horas, uma hora, tomando café para poder no dia seguinte não deixar a matéria acumular, por isso eu perdi meus dez quilos.

J.C. - E quando você terminou o curso, logo ingressou no mercado de trabalho, ou achou dificuldades? Tinha escola para trabalhar?

R.B. - Tinha. A primeira escola em que fui trabalhar, foi uma decepção na minha vida, porque cheguei lá e o diretor disse: “Olha, a senhora não precisa dar aula, não. Faz o exame biométrico: todos os alunos tinham que fazer o exame no início e no fim do ano. A senhora só faz o exame no princípio e no fim do ano e vem aqui para receber”. Eu disse: “Espera aí, Dr. Na minha época, na Escola de Educação Física, estava pré-escrito: “mens sana in corpore sano”. O senhor não pode ter uma mente sadia se seu corpo não está sendo trabalhado. Como o senhor quer que eu venha aqui ganhar meu dinheiro sem dar aula? Eu não quero isso não, eu não fui educada para isso”.

J.C. - As crianças não iam fazer nada?

R.B. - Nada, eu ia só no fim do mês assinar meu ponto e pegar o dinheiro, porque dizia que a Educação Física não valia de nada. Esse homem depois fez uma faculdade, hoje em dia tem uma faculdade com o nome dele, e eu não digo o nome dele.

J.C. - É um educador?

R.B. - É um educador que tem uma faculdade com o nome dele e esse homem me falou isso pessoalmente. Eu disse: “Se o senhor quer que eu venha dar aula aqui, eu venho todos os dias”. Então ele me jogava num pátio sem uma bola sem nada.

J.C. - Sem nenhuma infra-estrutura?

R.B. - Nada. Mas aí eu comecei a botar minha imaginação para funcionar e todo mundo adorava Educação Física, porque eu gostava de dar aula, então todo mundo ia.

J.C. - Envolvia as pessoas.

R.B. - Eu peguei uma vez os meninos: “Vamos subir”. Porque eu sempre fiz montanhismo e faço até hoje: “Vamos subir o morro do Papagaio?” Peguei uns cinco ou seis meninos de ginásio de treze a quinze anos e fomos subir.

J.C. - Que bacana.

R.B. - Lá fui eu com a turma toda, e olhei lá de cima do pico e falei: “Olha lá em baixo é Grajaú. Se a gente desce aqui não precisa dar essa volta. Vamos descer direto?” Fomos descendo. Quando chegamos ao pé do morro, tinha um bambuzal. Bambu você não atravessa, um horror cheio de espinho: “Gente, vamos ter que voltar”. Isso já estava escurecendo, - “Vamos ter que voltar tudo correndo, porque esse bambuzal nós não vamos atravessar”. Começamos a subir o morro do outro lado. Cai uma tempestade, mas cai uma *tempestade*! Escureceu de repente. Encontramos uma caverna, enfiei os garotos todos nela. Choveu torrencialmente a noite interinha. Chovia, um frio, todo mundo se encolheu.

J.C. - Então vocês passaram a noite lá?

R.B. - Não tinha como sair.

J.C. - Os pais devem ter ficado preocupados.

R.B. - Não tinha telefone celular naquela época. No dia seguinte amanheceu aquele sol lindo. “Vamos embora minha gente”. Subimos o pico para descer pelo caminho direto. Veio bombeiro, polícia [risos]. “Olha gente, está todo mundo salvo. Aconteceu foi isso, foi uma aventura”. Todo mundo depois ficou contando a história por muito tempo, mas não aconteceu nada demais. Consegui preservar os meninos. Mas eu fazia assim, fazia excursão com as crianças, olha, vamos fazer passeios. Esse foi o único que deu problema. Não deu problema deu apenas uma noite na caverna.

J.C. - Eles devem contar hoje com alegria, foi uma aventura, uma coisa diferente.

R.B. - Aconteceu, então eu fui sempre assim, uma pessoa de promover muitas coisas com os meninos.

J.C. - Você começou a dar dança também logo que se formou, ou ficou mais na escola?

R.B. - Não. Fiquei primeiro nas escolas e depois como eu via que pagavam pouco e os diretores não davam apoio nenhum: tinha um colégio em Brás de Pina, que também não vou falar o nome, que me botava sessenta a oitenta alunos num pátio, sem um único material, sem uma bola sequer, queriam que eu me virasse para dar aula ali. Mas como podia trabalhar? Era proibido por lei, não pode colocar esse monte de alunos, é descrito trinta e cinco, quarenta alunos e colocavam o dobro, “se vire”, está entendendo? Tinha um outro colégio, também em Brás de Pina, tinha uma varanda para dar aula. E tinha aulas em todos os outros lugares. Não podia dar um joguinho, porque perturbava. Olha, depois que vi tudo isso, quer saber de uma coisa, eu sou bailarina para quê? Vou abrir um curso de balé. Comecei a abrir um curso no Jacarepaguá Tênis Clube, fui a primeira professora de balé do Vasco. Tinha trezentos e tantos alunos.

J.C. - Isso foi em que época mais ou menos, você lembra?

R.B. - Lembro, porque estava grávida da Diana, minha filha mais velha, que hoje está com quarenta e oito anos. Foi há uns cinquenta anos atrás.

J.C. - 1950, 53?

R.B. - É, por aí. Exatamente em 54 nasceu minha filha. Isso mesmo, 53. Dava aula, depois veio a filha e continuei dando aula da mesma forma. Tinha um espetáculo de “ballet” para dar. Já estava no quarto mês. Fiz dança, pintei o diabo. Com sete meses, tinha que dar um espetáculo no Teatro Municipal e já de barrigão.

J.C. - No Teatro Municipal?

R.B. - No Teatro Municipal. Um espetáculo com o teatro lotado. Enfim, continuava dando espetáculo, grávida. Quando estava com o pé na barra, comecei a sentir uma dor no estômago. O pessoal disse: “Dor de estômago não, dona Regina. Essa criança vai é nascer”. Saí de lá, passei em casa, peguei as coisas e fui para maternidade. Não tive problema nenhum para filho nascer, porque fiz exercício até a hora de nascer. Das duas. A

segunda, então, foi um sufoco porque comecei a ter contração de cinco em cinco minutos, dois em dois minutos. Cheguei na maternidade a menina pulou na mão da parteira.

J.C. - Tudo parto normal?

R.B. - Tudo. Então eu dizia assim: “Gata não pula do telhado quando está grávida, não pula de um lado para o outro? Então por que não vou pular também? E continuei.

J.C. - Nasceram sadias, saudáveis, nenhum problema?

R.B. - Com quatro dias estava dando um espetáculo com a minha filha, a mais velha. Então foi assim.

J.C. - Ficou trabalhando mais nessa área da dança?

R.B. - Fiquei. Fui abandonando e Educação Física que não tinha nenhum apoio.

J.C. - É estranho, porque nessa época ainda era Getúlio no poder, e ele incentivava a Educação Física normal na escola.

R.B. - Mas será que era ele nessa época?

J.C. - Em 45 ainda era.

R.B. - Mas depois de 45 ele saiu. Houve outros e depois ele retornou.

J.C. - Então não teve esse apoio?

R.B. - Em nenhum dos colégios. Não tive na minha vida, nos colégios em que trabalhei, dos quais me resguardo de estar dizendo os nomes porque são colégios grandes, que existem até hoje, de nenhum deles eu tive apoio nas aulas de Educação Física.

[FINAL DO DEPOIMENTO]